

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JB

CLASS. : 253

DATA : 01 07 87

PG. : 7

Garimpeiro diz que portaria foi paga

Os garimpeiros reagiram indignados à portaria que entrega as terras indígenas às empresas de mineração: "Esse papelzinho deve ter custado alguns milhões", afirmou o presidente da União de Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino Machado, falando em nome dos 600 mil associados da entidade.

A disputa entre garimpeiros, que sempre chegam primeiro às áreas de minério, e as mineradoras, que sempre requerem primeiro essas áreas, é antiga. Como são antigas também as insinuações de corrupção feitas por Altino e endereçadas a José Belfort, instalado no DNPM desde os tempos da ditadura. Belfort nunca responde.

O mais grave conflito ocorreu na serra dos Surucucus, em Roraima, na fronteira com a Venezuela, área dos primitivos índios ianomâmis, que vinha sendo explorada por garimpeiros em busca de estanho, o feijão-com-arroz, e dia-

mantes. O conflito, precedido por uma briga, entre grupos ianomâmis com armas emprestadas por garimpeiros, acabou atingindo também o acampamento garimpeiro e quase se transforma num massacre, de lado a lado.

Os garimpeiros foram obrigados a abandonar o Surucucu: a mineração em terra indígena estava proibida, ainda que esta terra não estivesse demarcada ou não fosse, legalmente, área indígena.

Meses depois, a empresa Delphos Mineração Ltda. subsidiária da CMP — Cia. de Mineração e Participação, de propriedade de Ike Batista, filho do presidente da Vale do Rio Doce, Eliezer Batista, e do neto do ex-ministro Dias Leite, recebeu autorização para pesquisa mineral na área, dada por José Belfort.

A reação dos garimpeiros foi curta e grossa: no carnaval de 1986, José Altino Machado montou uma ponte aérea a partir de uma fazenda próxima a Boa

Vista e invadiu o Surucucu, com cerca de 40 garimpeiros. A Polícia Federal foi acionada. Os garimpeiros se entrenchearam na mata. Ironicamente, foram os primitivos ianomâmis que fizeram a mediação, que culminou com a rendição dos garimpeiros. A terra dos ianomâmis ficou livre dos brancos, até que lá se instalou, no ano passado, um Pelotão Especial de Fronteira do projeto Calha Norte.

"Fui para a cadeia para evitar que essas áreas fossem entregues às empresas", diz José Altino, hoje. "Parece que agora eles estão escudados no braço armado do Calha Norte".

"Nossa posição é que primeiro se demarque o que é área indígena — diz Altino — depois, a sociedade discute se isto vai ser explorado e como será explorado. O que não pode acontecer é entregar para empresas que nunca mineraram nada e vivem da indústria e do comércio dos alvarás. Acenderam um tremendo estopim na Amazônia". (J. S.)